

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 29 DE DEZEMBRO DE 1998

*Senhor Ministro Raimundo Brito, meu amigo; Senhor Presidente da Petrobras, Doutor Joel Rennó; Senhor Presidente da Eletrobrás, Doutor Firmino Sampaio; Senhores Presidentes da Eletronorte, de Furnas, da Agência Nacional de Energia Elétrica; Senhores Parlamentares; Senhoras e Senhores,*

Ter podido ouvir, como ouvimos agora, pela palavra daqueles que são realmente os condutores desse processo de transformação, na prática, no Brasil, na área de energia – o Dr. Firmino, o Dr. Rennó como, sobretudo, o Ministro Brito – é alguma coisa que deixa o Presidente da República – nesta altura dos acontecimentos, depois de tanta trabalhadeira nessas últimas semanas e, mesmo, meses – extremamente feliz. Feliz por ver que, muitas vezes, sem que haja a percepção imediata do que está acontecendo no Brasil, quando se faz a somatória, vê-se que houve um avanço imenso.

Enquanto falava o Dr. Rennó, eu me recordava de que, em mais de uma ocasião, eu o chamei à minha sala, quando, então, eu era Ministro do Exterior, para perguntar-lhe por que nós não comprávamos mais

petróleo da Argentina ou da Venezuela. E, desde aquele dia, nós mudamos a orientação das compras do Brasil. Isso possibilitou que nós avançássemos muito naquilo que o Ministro Raimundo Brito acaba de descrever de maneira bastante completa e com competência: é o Brasil se abrindo para a América do Sul, é o Brasil se integrando, efetivamente, de forma física, através das redes de transmissão de energia, dos gasodutos e, mais adiante, das estradas.

Eu ainda era Ministro do Exterior quando me empenhei por uma estrada – que inaugurei agora, lá na Venezuela – que vai de Manaus até Caracas. Alguns, aqui, sabem disso. Eu me empenhei a fundo. Era Ministro do Exterior, não tinha nada a ver diretamente com essa matéria, mas tinha uma visão do Brasil, que tenho, e que tenho de muito tempo. Significa um projeto para este país. Só os cegos e os surdos ainda procuram um projeto para o Brasil, quando o Brasil está realizando o seu projeto de nação, está se integrando, está crescendo, está lançando bases sólidas para o seu desenvolvimento, está mantendo a estabilidade da sua moeda. E está tendo conseqüências positivas para o seu povo, na educação, na saúde e na reforma agrária.

Só mesmo os que não querem ver insistem em buscar o projeto do Brasil. O projeto está-se fazendo. O projeto foi dito hoje, aqui, de forma direta, nas áreas de energia, tanto na eletricidade quanto no petróleo.

Isso eu e muitos brasileiros já imaginávamos antes. E, assim como o Ministro Raimundo Brito disse que chegou quase solitário ao Governo, na verdade encontrei muita coisa no Governo. Quando cheguei, como Ministro do Exterior, não mudei ninguém do meu gabinete. Herdei o gabinete do meu antecessor – que hoje é meu ministro outra vez – e o mantive intacto, porque eu acredito que ou as pessoas têm capacidade de liderança e convencem, e fazem com que o conjunto avance, ou então são inúteis. Trocam pessoas, mas não avançam.

Não pautei esses quatro anos de mandato por mudanças sucessivas. Deixei, muitas vezes, os meus amigos da imprensa inquietos por verem o “mesmismo”. Mas, esse “mesmismo” tem, por trás, a construção do Brasil. E aqui estão os resultados. Em vez de estarmos, a cada instante,

fazendo intrigas e trocando pessoas, é melhor estarmos todo o tempo trabalhando em conjunto e dando orientação e avançando.

Foi assim que fez o Ministro Brito. O que ele disse aqui me deixou muito contente, porque é verdade e ele soube, também – não foi ele que foi cooptado –, cooptar, mas no bom sentido, motivar todos numa direção, que é a direção desenhada, não por mim, mas por muitos brasileiros e com a aprovação das urnas, pelo Brasil.

Na verdade, o que nós acabamos de ouvir aqui não me é estranho, porque acompanhei de perto – e os Ministros sabem que acompanho – cada passo do que está acontecendo nas mais diversas partes do Brasil. Não me é estranho e dá prazer ouvir. E, também, quero lhes dizer que encontrei, como o Ministro encontrou, muito apoio naqueles que, muitas vezes, são relegados, no Brasil: a burocracia brasileira, os servidores públicos e os servidores das empresas do Brasil.

Na Petrobras, o Dr. Rennó se lembrará disso, quando começamos a cogitar de alterar a Constituição para flexibilizar o monopólio, redigimos, não de próprio punho, do punho dele, no Palácio da Alvorada – o Ministro Brito se lembrará disso –, os pontos iniciais a partir dos quais seria possível flexibilizar o monopólio sem prejudicar a Petrobras.

Ouvi muita gritaria a respeito dessa matéria. Muita gente perdida, que não sabe eira nem beira, não tem nada, não tem conhecimento das coisas, nos acusou disso ou daquilo, de intenções essas ou aquelas. A realidade comprova qual era a intenção: dar mais espaço à exploração do petróleo no Brasil; aumentar a capacidade produtiva; fazer com que a Petrobras também entrasse no processo competitivo, mas nunca tirar-lhe as condições para avançar.

Nós não tiramos as condições para que ela avançasse. Pelo contrário, nós demos mais condições. Tanto é assim que os resultados aí estão. E são resultados brilhantes, porque passar de 700 mil barris para 1 milhão e 200 mil por dia é alguma coisa significativa num período curtíssimo, de quatro anos – na verdade, de menos de quatro anos, porque até que tudo isso pudesse se engrenar levou algum tempo. E se fez.

E, hoje, é, não posso dizer, porque o Ministro não gosta, mas é a “Quarta Irmã”, é das mais poderosas do mundo, em termos de explora-

ção de petróleo. E vai ser mais ainda. Virão outras empresas e vão, aqui, competir, vão encontrar mais petróleo ainda. Vamos nós encontrar mais petróleo lá fora, como já estamos fazendo em várias partes do mundo. Vamos continuar levando para frente a nossa tecnologia. E já temos muito avançada a nossa capacidade tecnológica em águas profundas.

Ainda recentemente, conversando com o Primeiro-Ministro da Noruega, falamos sobre essa matéria, sobre a necessidade de intercâmbio, porque lá, também, eles têm petróleo em águas profundas e sabem que o Brasil está à frente nesse tipo de tecnologia.

Hoje somos um país mais maduro, não temos a pretensão de estarmos à frente em tudo, porque o mundo não é assim. Nós, hoje, não temos que nos fechar para poder avançar. Temos que, ao contrário, nos integrar, para que possamos avançar. Integrar não pode significar que outros venham a fazer o que não estamos fazendo. Não. Significa nós, juntamente com outros, fazermos aqui, e lá fora, o que é necessário fazer para que haja avanço, para que haja progresso. Falta muito.

Falta muito a fazer. O Ministro Brito tem sido incansável. Em muitas áreas, não conseguimos, ainda, organizar o nosso sistema produtivo de modo a atender aos desafios: Petroquímica – quantas vezes, Ministro? —para não falar do papel e celulose, da siderúrgica, de áreas que são, para nós, brasileiros, vitais. Nosso empenho é enorme, mas, muitas vezes, custa avançar.

Mas nós estamos avançando. Temos, digamos, um horizonte de transformação. E foi por isto que me empenhei por esse Ministério do Desenvolvimento: para que possamos reorganizar essas forças produtivas com o mesmo espírito com que reorganizamos na parte de energia elétrica e na parte de petróleo, fazendo com que haja um impulso maior de crescimento na economia brasileira.

Também quero lhes dizer, e dizer de público: sei a importância dessa interconexão Norte-Sul, sei o que foi feito em toda essa matéria, sei o que significa regulação do sistema elétrico, sei avaliar, e os brasileiros sabem o que significam os números que aqui foram ditos, de crescimento quase espantoso na nossa capacidade geradora, num período de tempo tão curto, em que ouvi as vozes, o tempo todo, dizendo: “O

Brasil só está fazendo a estabilidade da moeda, só está fazendo a estabilidade da moeda.” Não, a estabilidade da moeda é para fazer o que nós estamos fazendo. E estamos fazendo essas transformações.

Sei da importância de tudo isso e quero agradecer ao Dr. Firmino muito em especial, ao Dr. Rennó e a todos aqueles que com ele trabalham na Petrobras, por terem tido a energia, até mesmo nos momentos difíceis, de incompreensão, que nos custaram bastante, no começo do governo. Tivemos greves penosas, que, por certo, já normalizamos também nesse aspecto, permitindo que os sindicatos voltassem a funcionar e que se passasse uma borracha nos atos dos que, naquele momento, agiram de maneira um pouco ousada. Quero agradecer, portanto, a cooperação de todos os que aí trabalham, mas não posso deixar de dar uma palavra muito especial a respeito do Ministro Raimundo Brito.

Nesses anos de governo, tenho tido, naturalmente, muitos colaboradores. Vários deles são, realmente, eminentes em suas áreas. Mas o Ministro Raimundo Brito está entre os que mais se empenharam, os que mais fizeram, os que mais leis foram, os que mais competência demonstraram na gestão da coisa pública. Não faltou ao seu setor, não faltou ao Governo. Respondeu sempre ao Parlamento. Teve uma conduta absolutamente exemplar.

Ele disse que está terminando a sua passagem no Governo. O Governo é uma passarela, que tem muitas idas e voltas. Espero que seja a primeira passagem. Encontraremos ocasião para que a colaboração do Ministro Brito continue a engrandecer o Brasil. Tenho certeza, e todos os que o conhecem sabem, que uma pessoa com o valor do Ministro Raimundo Brito não pode ser posta à margem, no processo decisório do Brasil. Momentaneamente, quem sabe, por circunstâncias que não são do meu controle, mas, seguramente, ele não deve tomar essa passagem como uma mera passagem sem volta.

Não digo isso simplesmente para louvá-lo – já o louvei merecidamente –, mas porque o Brasil precisa de gente disposta, de gente com capacidade efetiva de se dedicar à coisa pública. E não vi no Ministro Raimundo Brito, em nenhum momento, senão a vontade de servir ao País, de servir à causa pública.

Então, agradeço, de todo o coração e posso lhe dizer que, na verdade, quando chegou aqui, eu não o conhecia. Já disse há pouco: quando fui Ministro do Exterior, não mudei ninguém, embora não conhecesse a maioria. Só os que são inseguros têm medo do desconhecido. Nós temos que ousar, sobretudo num país como o nosso, temos que trazer gente que não se conhece, porque senão se fica girando num círculo.

Mas, se é verdade o que ele disse aqui, que eu não o conhecia, também é verdade que, nesses quatro anos de cooperação contínua, ele se transformou num amigo. Eu, portanto, digo ao meu amigo Raimundo Brito: até já!

Muito obrigado.